

CRISE PÓS-ELEITORAL

Daniel Chapo e representantes de alguns partidos políticos assinam hoje termos de referência para o diálogo sob fortes protestos colocando em causa a legitimidade do grupo que excluiu actores sociais relevantes

- O Presidente da República (PR), Daniel Chapo, e um grupo de partidos parlamentares e extraparlamentares assinam hoje, 5 de Março, em cerimónia pública, em Maputo, os termos de referência para o diálogo com vista ao restabelecimento da paz e estabilidade social em Moçambique. O documento será assinado debaixo de protestos caracterizados principalmente por bloqueios de ruas e paralisação do comércio. A nível da opinião pública cresce a ideia de que o formato das conversações que levaram à elaboração dos termos de referência não é representativo. Este e outros elementos ensombram a cerimónia que se espera que conte com a presença de convidados das várias esferas da sociedade.



O início da tensão

As denúncias de fraude nas eleições de 9 de Outubro de 2024, cujos resultados atribuíram vitória à Frelimo e Daniel Chapo levaram a duros protestos que mergulharam o país numa crise pós-eleitoral com consequências nos direitos humanos e no tecido económico e social do país.

Nos primeiros dias da crise foram feitos apelos para o diálogo, mas foram todos ignorados. A Frelimo preferiu jogar com o tempo até que o Conselho Constitucional proclamasse os resultados, abrindo caminho para a tomada de posse de Daniel Chapo, enquanto os protestos seguiam.

TENTATIVA DE DIÁLOGO?

No auge da tensão, o então PR, Filipe Nyusi, convocou o diálogo com os candidatos presidenciais Lutero Simango, Venâncio Mondlane, Daniel Chapo e Ossufo Momade.

O diálogo não aconteceu devido à ausência de Venâncio Mondlane que se encontrava fora do país depois de ter denunciado tentativas de assassinato. Nessa altura havia consenso entre os candidatos presidenciais de que não podia haver diálogo sem Venâncio Mondlane que, apesar de contestar os resultados eleitorais, é o segundo mais votado.

A MUDANÇA DE FORMATO DO DIÁLOGO

Dias depois Filipe Nyusi criou um novo formato de diálogo, através de plataformas partidárias, integrando a Renamo, Frelimo,

Movimento Democrático de Moçambique (MDM), Povo Optimista para o Desenvolvimento de Moçambique e Nova Democracia. Nesta plataforma não cabia Venâncio Mondlane pois não representava qualquer partido político. Outras forças vivas da sociedade também não foram chamadas para o diálogo.

Depois de tomar posse em 15 de Janeiro, o actual incumbente, Daniel Chapo, seguiu o mesmo formato do diálogo, tendo mais tarde incluído alguns partidos extra-parlamentares, nomeadamente Revolução Democrática (RD) com 6 mandatos em Niassa, o Partido Humanitário de Moçambique (PAHUMO) com 8 mandatos, o Partido de Renovação Social (PARESO) com 2 mandatos em Inhambane e o Partido Reconciliação Nacional (PARENA) com 5 mandatos em Gaza. A partir deste momento consolidou-se a ideia de que o diálogo deve seguir entre as lideranças partidárias.

O ANÚNCIO DA ASSINATURA DOS TERMOS DE REFERÊNCIA

Na sequência desse diálogo, na semana passada, Daniel Chapo anunciou que o grupo havia atingido 100% de consenso sobre os termos de referência para o diálogo em matéria de revisão da Constituição da República de Moçambique e da lei eleitoral, para colocar termo à crise pós-eleitoral. Os termos de referência serão assinados hoje em Maputo. No entanto, os protestos contin-

uam, o que revela inequivocamente a falta de legitimidade do grupo que excluiu actores sociais relevantes, como a academia, a sociedade civil, as confissões religiosas e o antigo candidato presidencial Venâncio Mondlane, que desde o primeiro minuto foi o rosto da contestação contra a fraude eleitoral.

CONTINUAÇÃO DOS PROTESTOS E INEFICIÊNCIA DO ACTUAL MODELO DE DIÁLOGO

A continuação dos protestos pode ser sinal de que o modelo de diálogo usado não responde às exigências do povo. Nesse sentido, apesar de reconhecermos as figuras que estão neste momento nas negociações, nos parece que o actual modelo e os seus intervenientes não conseguem trazer a paz.

APELO

Assim, o CDD apela a um diálogo urgente, genuíno e inclusivo para o alcance da paz. Esse diálogo deve incluir outras forças vivas da sociedade, nomeadamente a sociedade civil, a academia e os líderes religiosos. Também entendemos ser de extrema importância a inclusão de Venâncio Mondlane enquanto líder de todo o movimento contestatário. O fenómeno de bloqueios de estradas e a paralisação do comércio evidenciam a necessidade muito urgente de estabelecimento de uma plataforma de diálogo para o restabelecimento da paz e estabilidade social em Moçambique.





MISSÃO:

Inspirar e impulsionar ações para proteger os direitos humanos, fortalecer a democracia e promover a justiça.

MISSION:

Inspiring and driving actions to protect human rights, strengthen democracy, and promote justice.

INFORMAÇÃO EDITORIAL:

Propriedade: CDD – CENTRO PARA DEMOCRACIA E DIREITOS HUMANOS
Director: Prof. Adriano Nuvunga
Editor: André Mulungo
Autor: CDD
Layout: CDD

Contacto:
 Rua de Dar-Es-Salaam Nº 279, Bairro da Sommerschild, Cidade de Maputo.
 Telefone: +258 21 085 797

Twitter: CDD_moz
E-mail: info@cddmoz.org
Website: http://www.cddmoz.org

PARCEIROS DE FINANCIAMENTO

